

5.

Conclusão

Ao chegarmos ao fim deste trabalho, muitos questionamentos ainda pululam no nosso imaginário. Hipóteses, argumentos, teses e possibilidades – uma gama de questões salta à leitura deste nosso texto. Por isso, concluir torna-se uma difícil obrigação, já que a idéia de conclusão pressupõe fechamento, decisão, certeza, justamente o oposto do que interpretamos acerca da obra e da vida literária de Alceu Amoroso Lima. Mas ainda assim vejamos se conseguimos estabelecer alguns conceitos e teorias.

A primeira conclusão que surge após a leitura desta tese é o caráter atual do pensamento amorosiano. Embora tendo iniciado suas atividades intelectuais na década de 20 do século passado, Alceu ainda permanece novo e provocando diversas reações no meio acadêmico, seja para confirmá-lo ou negá-lo. Alguns dos seus livros ainda são referências obrigatórias para determinadas áreas merecendo, por essas razões, novas edições.

Alceu nasceu “carioca da gema”, como ele gostava de lembrar, num berço abastado e tradicional de uma família de industriais. Desde cedo provou o bom gosto e as benesses que tal situação lhe ofereceu, principalmente no fato de ter recebido uma excelente formação acadêmico-cultural, complementada pelas inúmeras viagens que fez à Europa e a outras partes do Mundo, alargando consideravelmente sua visão de arte e de mundo.

Alceu teve uma dinâmica trajetória intelectual, cujo divisor foi decididamente a sua volta ao Catolicismo. Vítima de um forte indiferentismo religioso que reinou antes e durante a *Belle Époque*, Amoroso Lima costumava dizer que ele e sua geração se tornaram agnósticos por falta de opção, por quererem dar algum tipo de significado às suas vidas. Logo, o agnosticismo era mais uma reação do que uma escolha. Evidentemente, todo o clima anti-clerical típico do século XIX e início do século XX em muito contribuiu para tal estado, quando filosofias e ideologias políticas defendiam a tese de que Deus era um conceito criado pelo Homem, especialmente pela típica necessidade humana de querer entender e alcançar o inalcançável.

Por isso seu retorno ao Catolicismo foi emblemático, foi uma atitude contrária ao que se esperava de um intelectual naquele momento. Inclusive, a conversão de Alceu produziu críticas negativas no meio da intelectualidade brasileira, pois muitos viram em tal fato um retrocesso, uma possibilidade de fechamento por parte de Alceu ao debate e à vida cultural. Felizmente, deu-se o oposto. Amoroso Lima continuou aberto ao novo, às experimentações estilísticas; todavia, mantinha intactas suas convicções religiosas, eram o seu paradigma de vida.

Alceu surgiu como pensador católico num momento em que a Igreja brasileira passava por profundas mudanças doutrinárias e pastorais. A instituição se esforçava para recuperar o espaço perdido, na política e na cultura, desde o fim do padroado. Aliada à Sé Romana, a Igreja do Brasil não mediu esforços para resgatar o seu prestígio, e uma das principais decisões foi a aproximação aos principais setores da Classe Média, particularmente dos intelectuais. Houve todo um trabalho de inserção de alguns pensadores nas “frentes de batalha eclesiais”, daí que a política, a educação e a vida cultural foram os seus principais destinos, seu novo campo de missão.

Foi como missão que Jackson de Figueiredo, Alceu Amoroso Lima e outras personalidades classificaram a sua atuação naquele momento. E como a missionariedade é algo dado por Deus, eles consideravam divina a sua atuação no seio da sociedade brasileira, eram os cavaleiros de Cristo, paladinos da fé cuja razão de viver estava associada diretamente ao Corpo Místico de Cristo, isto é, à própria Igreja. Por isso compreendemos uma certa paixão que utilizavam na defesa do Catolicismo, era uma espécie de “nova fase dos mártires”, na qual o Coliseu podia ser a Universidade, a Imprensa, os locais de trabalho ou a própria família. Nesta perspectiva, podemos afirmar que Frei Pedro Sinzig, por exemplo, foi essa espécie de “novo gladiador”.

Se a Igreja não conseguiu seu intuito maior – o de recristianizar o Brasil – pelo menos conseguiu deixar sua marca indelével em certos setores da nossa sociedade: os colégios e universidades católicas, a Imprensa religiosa e uma nova mentalidade incutida no próprio laicato comprometido e atuante, ou seja, a defesa de um compromisso na defesa da Igreja e da fé.

Em resumo, todo o trabalho produzido pelo Centro Dom Vital foi fruto desta nova missão, desde a publicação da revista *A Ordem* até os posicionamentos dos seus membros, enfim, tudo concorria para ressignificar a função da Igreja e a atuação dos seus principais seguidores, clérigos ou não.

Este clima serviu também para repensar o próprio sentido da literatura produzida no Brasil, especialmente o Modernismo. Alceu foi testemunha ocular das grandes transformações pelas quais este movimento passou desde o seu início. Sempre atento às novas propostas teóricas e práticas, o crítico carioca soube dialogar com as diferentes correntes ideológicas e estéticas deste movimento, alcançando um considerável “globalismo filosófico”.

Como grande revisionista que foi, Alceu utilizou sua capacidade memorialística para (re)pensar os caminhos tortuosos pelos quais o Modernismo brasileiro trilhou, realçando suas particularidades e, principalmente, seu caráter lacunar e poroso. Por isso analisamos as diferentes e sintomáticas rachaduras que este movimento produziu, demonstrando o quanto o mesmo foi heterogêneo nas ideologias e nas obras produzidas, corroborando ainda mais a sua pluralidade estilística.

No que diz respeito às teorias sobre Crítica Literária defendidas por Amoroso Lima, títulos como *A Estética Literária e o Crítico*, a série dos *Estudos e O Crítico Literário* ainda são referências obrigatórias para aqueles que desejam não apenas entender o desafiador processo crítico, mas também compreender a visão renovadora que Alceu imprimiu à sua própria análise literária, transformando sobremaneira a maneira como se produzia Crítica de literatura no Brasil.

Amoroso Lima abandonou conscientemente o Impressionismo Crítico, afirmando que este era formado por um conjunto de “achismos” pessoais de quem o praticava. No seu lugar, cunhou a classificação Crítica Expressionista para designar o seu próprio fazer crítico. Este se apoiava na premissa de que a Crítica não era apenas um simples trabalho de interpretação literária, mas também de produção artística. Tal tese ele produziu a partir das suas leituras do método analítico de Benedetto Croce, que defendia o binômio intuição/expressão.

Em meio às diferentes performances da análise literária produzida no Brasil, uma chamou atenção durante as nossas pesquisas: a Crítica Literária Católica.

Como foi afirmado, para muitos críticos e historiadores da literatura, tal terminologia nunca existiu, o que tivemos foram algumas manifestações de crítica literária produzidas por críticos católicos. Optou-se, neste trabalho, em estabelecer tal conceito, uma vez que o mesmo possui determinadas especificidades estilísticas e ideológicas que possibilitam tal classificação. Isto sem dizer que o mesmo foi intensamente utilizado por muitos artistas e pensadoras que nem católicos eram, aumentando ainda mais o leque de atuação classificatória de tal modalidade crítica.

Para os partidários desta corrente estético-ideológica, a Crítica deveria ser vista como uma forma de criação que desse dignidade ao Homem, aproximando-o de Deus. Além disso, ela também estava imbuída da uma missão, isto é, de alertar e prevenir os leitores de determinadas obras e escritores nocivos à fé e à Igreja, porta-vozes da perdição eterna e da separação com o Criador. Desta forma, percebemos um tom confessadamente apologético e tendencioso neste tipo de Crítica, onde a produção literária era sempre bifurcada entre Bem e Mal, puro e impuro. Foi justamente o que fez Frei Pedro Sinzig no seu *Através dos Romances – Guia para as Consciências*, um verdadeiro manual a respeito da boa e da má literatura.

Tais críticos defendiam a idéia de que a Arte era Deus se revelando à humanidade através do artista, por isso se deveria ter o devido respeito não apenas àquele que produziu a obra, mas também ao seu receptor. Por isso a principal justificativa para a existência de tal modalidade crítica, ela servia principalmente para que o leitor se protegesse dos textos que fossem comprometedores de forma negativa com a fé.

Finalmente, o outro bloco temático analisado versou sobre as tensões geradas dentro do movimento modernista. Quanto mais se afirmava como estética própria do século XX, mais o Modernismo se mostrava plural na sua organização e expressão. Definitivamente, não foi um projeto harmonioso no que concerne aos direcionamentos artísticos. Foi fragmentado, fissurado e cheio de entre-lugares, mas nunca homogêneo. Isto ficou claro na análise bipolar que fizemos a respeito de Mário e Oswald de Andrade, bom como nas respectivas propostas de modernidade defendidas por ambos.

Mário representou o *scholar*, praticou uma erudição em pesquisas e experimentos estilísticos, teorizou e teve atuação em diversas formas de expressão deste estilo. Segundo Alceu, o posicionamento de Mário foi um excelente exemplo de intelectual que soube evoluir artisticamente. Ou seja, Mário aproveitou o que a Tradição melhor produziu em termos estéticos e ideológicos, usufruindo os erros e acertos e, principalmente, aprendendo com eles.

Já Oswald era o exemplo do que Alceu repudiava em termos de produção artística. Alceu o classificava de demolidor, destruidor e outros adjetivos nem um pouco elogiosos, sempre no intuito de reconhecer neste a alma geradora da vanguarda, o radicalismo puramente proposital. O que Alceu defendia era um porquê, uma razão plausível para que Oswald e outros de mesma mentalidade agissem daquela forma, negando de forma contundente tudo o que fosse sinônimo de passado.

Enfim, o Modernismo apresentou-se de forma totalmente diferente nas obras e mentalidade de Mário e Oswald, denunciando o caráter frontalmente contrário de ambos. Entretanto, para Amoroso Lima, as experiências dos dois Andrades foram de extrema importância para compreender os diferentes caminhos modernistas.

Outro caminho radicalmente diferente se deu com Graça Aranha e sua filosofia da Integração no Cosmos – o Integracionismo. Graça foi uma personalidade que gerou muita controvérsia nos meios intelectuais brasileiros. De uma formação essencialmente clássica em termos de literatura, ele rompeu com tal direcionamento acusando a Academia Brasileira de Letras – templo maior do conservadorismo literário – de ser um sarcófago de múmias, no qual até mesmo as paredes estavam putrefatas pela velhice e pela não-renovação cultural.

Sensacionalismo ou não, o fato é que a bombástica conferência de Graça Aranha abalou o meio artístico nacional – fosse para defendê-lo ou para acusá-lo, praticamente todos comentaram e analisaram a atitude do diplomata. Certamente, a defesa mais contundente foi feita por Alceu Amoroso Lima, amigo e discípulo de Graça. Alceu foi um tanto ufanista na defesa de Graça, relegando a ele o fato de o Modernismo ter chegado ao Brasil. Exagero! Sabemos que muito tempo antes da Semana de 22 já tínhamos manifestações modernistas. Em termos de Filosofia, seu Integracionismo Cósmico foi uma verdadeira *blague* filosófica, “síntese de algumas propostas orientais”, como afirmou Mário de Andrade.

Desta forma, chegamos ao fim deste trabalho. Sem qualquer tipo de arroubo sentimentalista, podemos afirmar que a obra e o pensamento de Alceu continuam em expansão, principalmente naqueles que procuram lançar novas luzes para melhor compreendê-los.

Alceu foi um artista plural, pensou, analisou e escreveu a respeito de uma quantidade demasiadamente expressiva de assuntos. Seu olhar foi clínico quando analisava a realidade social brasileira, especialmente denunciando aquilo que ele chamava de “o pior escândalo humano”, isto é, a miséria.

Em termos religiosos, foi um católico transpassado pelos valores da divindade e da humanidade. Desde a sua conversão, Alceu foi um apaixonado pela Igreja de Cristo, defendeu-a e proclamou os seus valores. Mas soube viver, ou seja, sua reflexão religiosa evoluiu junto com o tempo, com as mudanças do mundo, com as metamorfoses do pensamento humano. Uma frase de Alceu resume este aspecto: “Mudei e mudei porque vivi, porque viver é mudar.”

E foi mudando a sua atuação, as suas ideologias e a sua maneira de enxergar a vida que Alceu criou uma obra que não envelheceu, que ainda merece reedições e releituras por parte da Crítica.

Neste ano que comemoramos os noventa anos de criação do pseudônimo Tristão de Athayde, nada mais justo do que (re)pensarmos a trajetória do seu autor, reavaliar os diversos caminhos trilhados pelo nosso Modernismo, (re)avaliar a importância da pessoa e da obra de Alceu Amoroso Lima.